

Do outro lado: o princípio da ligação – *Bindung*

Ana Maria Portugal Maia Saliba¹

Aos 100 anos de
Além do princípio do prazer
de Sigmund Freud, 1920.

Em finais de 1920 Freud publica, entre outros artigos, o livro *Jenseits des Lustprinzips (Além do Princípio do Prazer)* pela Internationaler Psychoanalytischer Verlag (Leipzig, Viena, Zürich). Apesar de já estar trabalhando no texto desde março de 1919, optou por adiar sua publicação ainda por um ano. Nesse meio tempo, completou seu artigo sobre *Das Unheimliche* (O ‘estranho’), ensaio que já iniciara há muitos anos, e nesse ano de 1919 resolvera “desenterrá-lo”. Curioso é que há certa afinidade entre os textos, especialmente no tocante ao fenômeno da repetição.

Mas, em termos formais, são obras bastante diferentes, sendo o artigo “O estranho” dedicado à estética em seu aspecto inquietante / familiar, tanto nas obras literárias quanto na clínica, e o livro, uma elaboração teórica e complexa especialmente dedicada aos novos achados da prática da psicanálise. Mesmo assim, dotado de grande originalidade, diversos elementos desse estudo derivam de elaborações metapsicológicas anteriores, inclusive com grande proximidade das hipóteses levantadas no texto inédito “Projeto para uma psicologia científica”, elaborado em torno de 1895, vindo a público em 1950, com a recuperação de cartas e manuscritos.

O texto de 1920 é provocativo, com um título que bem poderia ser acompanhado de reticências. Inclusive, ao terminar, o texto indica: “Ao que não podemos alcançar voando, devemos alcançar mancando (*erhinken*). O livro diz: não é pecado mancar (*hinken*)”. Trata-se de um trecho de *Makama de al Hariri*, do poeta alemão Friedrich Rückert, especialista na cultura árabe, e que expõe sobre metamorfoses de personagens. Sabemos que Freud está sempre recorrendo aos poetas... mas não a qualquer um. Apesar do estilo mais teórico e especulativo do texto de 1920, a menção a poetas e escritores também o acompanha, como se pudesse ser partilhado, por meio dessas alusões, por vezes estranhas, de um saber que habita outros campos, principalmente o das letras.

Ernest Jones, biógrafo de Freud comenta a especificidade da escrita desse texto. Freud geralmente escrevia para um auditório, tentando ser o mais claro possível, usando termos comuns da língua, a fim de que os leitores e discípulos pudessem partilhar de seus achados e conclusões. Mas, dessa vez, comenta Jones, “parecia escrevê-lo para si mesmo, com a esperança de esclarecer alguns problemas que há muito tempo o mantinham perplexo. Está escrito num estilo pouco discursivo, quase uma associação livre. (...) Engolfado em seus pensamentos, Freud ressuscitou muitas ideias de seu período neurológico, passando rapidamente à sua experiência psicanalítica. (...) Esse modo de escrever indica que as ideias se originavam numa profunda fonte pessoal, o que faz

¹ Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana. RJ

umentar bastante seu interesse.” (1981, p.286) No entanto, o livro não encontrou muito apoio de seus discípulos na época, surgindo poucos artigos relacionados ao tema e suas publicações diminuindo a cada década.

O título em alemão contém um termo, cuja tradução para as várias línguas nos levaram a um sentido, que em português introduz algo que ultrapassaria o princípio do prazer, indicando uma região externa a ele. Mas *jenseits*,² preposição, quando acompanhada do caso genitivo, como acontece nesse título, indica “do outro lado”, até mesmo literalmente, pois *Seite* quer dizer lado. Portanto, pensar que o assunto do livro está mais para “o outro lado do princípio do prazer” pode nos levar a uma leitura bastante interessante e proveitosa. Qual seria o outro lado do princípio do prazer, a que Freud quer aludir?

Desde o início do texto, ele expõe as razões que o levaram a propor o princípio do prazer (*Lustprinzip*) como dominante na vida psíquica. O que o motivou foi a sensação oposta, o desprazer (*Unlust*), que corresponde a um aumento de tensão, movimentando o aparelho no sentido de descarga, de alívio, que se cumpriria numa ação. O princípio do prazer, que, afinal, se conclui em seu objetivo – ou tendência – de manter uma constância, sofre inibições, sendo a primeira a do princípio de realidade (*Realitätsprinzip*), que produz um adiamento da satisfação em busca de circunstâncias mais adequadas. O princípio de realidade é proposto no texto de 1911, “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, mas sua ação restritiva, orientadora e retificadora não é tão ampla, porque um determinado construto do aparelho permanece de fora, sem essa adequação à realidade. São as fantasias, tanto as inconscientes quanto os devaneios, elementos fundamentais para todas as formações do inconsciente.

Uma cisão do aparelho já fica, assim, definida. Para essa cisão contribuem grandemente as pulsões, especialmente as sexuais, cujos representantes podem sofrer o processo do recalque, e através dele conseguir satisfações substitutas, que, no entanto, em vez de serem sentidas como prazer, trazem a sensação de desprazer. São os sintomas e angústias dos neuróticos, fazendo Freud afirmar que “todo desprazer neurótico é um prazer que não pode ser sentido como tal.” (1920, p. 21)

Sobre a realização do desejo inconsciente e seus efeitos no sujeito, Freud, numa conferência sobre esse tema, lembra um conto folclórico sobre os três desejos oferecidos a um casal por uma fada. A mulher, invadida por um cheiro de linguiça frita, isso desejou, e tal aconteceu. O marido ficou furioso e desejou que as linguiças grudassem no nariz dela. Foi o que aconteceu. Então o terceiro desejo não podia ser outro, a não ser que as linguiças se desprendessem do nariz da mulher. O que se conclui é que a realização de um desejo causa prazer para um e desprazer para outro, o que acontece também quanto aos sistemas do aparelho psíquico.

² *jenseits* = Präposition mit der Genitiv: auf der anderer Seite; des Flusses; der Grenze. (Preposição com genitivo: do outro lado; do rio, da fronteira)

Jenseits= Name = :über - ausserirdiche Reich; reich der Toten; Himmelreich (Substantivo: o além; região fora da Terra; reino dos mortos; reino do céu).

Apesar de tudo isso não ser contraditório à dominância do princípio do prazer, os achados clínicos e as reações aos perigos externos exigem levantar novas questões. Entre esses achados está o tema das “neuroses traumáticas” e o fato da repetição, tanto na clínica das neuroses, com a repetição de sonhos angustiantes, quanto no que se observa nas brincadeiras das crianças. O jogo do carretel, que Freud observara em seu neto, ao qual se seguiam os vocábulos *Fort – Da* visivelmente trazia prazer, e mesmo que fosse uma tentativa de dominar simbolicamente a ausência / retorno da mãe, parece que algo mais estaria envolvido, pois não haveria sentido em ficar repetindo o sentimento desagradável da ausência. Freud o compara com a arte do teatro trágico, situação em que seus produtores não poupam aos espectadores as mais penosas experiências, e, no entanto, podem ser sentidas por eles como altamente prazerosas. (1942)

O que interfere aí?

No jogo infantil vemos claramente que o simbólico se implanta, com a aquisição desses breves vocábulos para significar o ato de desaparecer e aparecer. E é prazeroso para a criança aceder à linguagem. Com ela a ausência se torna presença pela palavra.

No caso do teatro trágico, assistimos o trabalho de construção da cena e do enredo, portanto, um trabalho altamente elaborado dos artifícios da linguagem e da arte da encenação, que conduzem o espectador a poder usufruir da cena trágica e assimilá-la.

Tudo isso não restringe a dominância do princípio do prazer. No entanto, persiste a compulsão à repetição, especialmente na clínica, o que exigirá do analista, algo mais que a arte interpretativa, ou a análise das resistências pela via da transferência, como Freud anuncia no início do capítulo III do livro, recursos da análise que constavam dos procedimentos técnicos até então. É que, se o material teve a necessidade de se apresentar por meio de uma repetição, como se fosse uma vivência contemporânea, mas que se refere ao passado, é porque trata-se de algo recalcado, que ao paciente “não é possível ser lembrado, e pode ser exatamente a parte essencial”. (1920, p.31)

Os fenômenos da repetição na vida em geral, quando se pode perceber que o sujeito interessado tem uma parte ativa na história, sugere algo como um traço de caráter, que o compele a agir sempre da mesma maneira. Isso impressiona mais quando se percebe que o sujeito é passivo na experiência que se repete. Nesse aspecto, há circunstâncias que se relacionam a atuações e incidências inconscientes e fantasmáticas, apontando a questões sobre o objeto *no* desejo. Freud faz uma referência a um retrato poético, pintado por Tasso em sua epopeia romântica *Jerusalém libertada*. O herói Tancredo mata, sem saber, sua amada Clorinda, que se achava disfarçada de cavaleiro inimigo. Após o enterro, numa floresta fantástica faz um talho numa árvore, de onde escorre sangue, e é ouvida a voz de Clorinda, aprisionada na árvore, e que se queixa de que ele a feriu novamente. (1920, p.36) É bem curiosa essa interpolação de Freud aqui, nesse momento, passagem que aponta o objeto *a* enquanto voz, aspecto que só bem posteriormente a psicanálise levará em conta.

Para desenvolver essas questões, ou seja, supor as circunstâncias que levam o aparelho à compulsão à repetição, Freud se justifica, dizendo que “o que se segue é especulação”, para acompanhar uma ideia, por curiosidade, para ver até onde o levará. Expõe sobre o sistema Percepção-consciência, que em choque com o mundo exterior e,

por não reter traços das vivências, chega a construir uma camada protetora, de estrutura até certo ponto inorgânica, que funciona como barreira a estímulos exageradamente intensos, que podem vir do exterior ou do interior do aparelho (no caso das pulsões). Mas esse escudo protetor pode ser rompido em determinado ponto, em torno do qual, o aparelho despreparado se esforçará por promover ligações, através de investimentos colaterais, com cadeias substitutivas, que, fazendo uma certa filtragem, reestabelecerão um estado de equilíbrio. Esse princípio de ligação (*Bindung*) – que é um trabalho de linguagem – mostra-se, então, primordial em relação ao princípio do prazer, e independente dele, o que poderá explicar a frequência de sonhos de angústia, que repetem situações penosas, traumáticas, contradizendo a hipótese de que os sonhos seriam realizações de desejos. Nisso, a repetição se explica pelo princípio de ligação, convocando seu trabalho de estabelecer vínculos. (1920, p.48) Constitui uma insistência, através da repetição da situação penosa, para que essa ruptura seja elaborada por meio dos recursos do aparelho em sua divisão estrutural, recursos entre os quais se incluem o recalque e as fantasias.

Outra das ideias especulativas é o ponto em que Freud se deterá sobre as pulsões, que, “provindas do interior, são preponderantes, ocasionando distúrbios econômicos comparáveis às neuroses traumáticas.” (1920, p.51) São processos dotados de uma força constante, que pressionam no sentido da descarga, da satisfação. Ao afirmar que a compulsão à repetição apresenta um caráter pulsional, portanto, associado à vida orgânica, Freud propõe a hipótese vinda da Biologia de que “uma pulsão (*Trieb*) é um impulso (*Drang*), inerente ao orgânico vivente, a restaurar um estado anterior, impulso que o vivente foi obrigado a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, um tipo de elasticidade orgânica, ou, se quiserem, a expressão da inércia na vida orgânica” (1920, p.54)³ Refere-se ao caráter conservador das pulsões e seu retorno ao inanimado, com o que introduzirá, por analogia, a hipótese da pulsão de morte.

Com isso constitui-se uma nova dualidade em relação à teoria das pulsões. Anteriormente os conflitos das neuroses se dariam entre as pulsões sexuais – ligadas à sobrevivência da espécie – e as pulsões do eu, que lutariam pela sobrevivência do indivíduo. Isso seria um resíduo do pensamento dos românticos, para quem o conflito estaria na luta entre a “fome e o amor”. Como diz o poeta, Goethe, a quem Freud tende sempre a citar: “Duas almas habitam, ah! o meu peito!” O que expressa a luta entre as paixões e a instância crítica. (1919, p.294) Mas a experiência freudiana, no decorrer de sua prática e da teoria levou esse conflito a maiores aprofundamentos, para que pudesse responder aos achados da clínica; a divisão se instala entre o Eu e o recalado inconsciente.

Freud se mostra descrente da existência de um impulso à perfeição, mas o fato é que as palavras do poeta “*ungebändigt immer vorwärts dringt!*” (Indomado, pressiona sempre para frente!) (1920, p.60) continuam a valer em sua investida, pois, o caminho para trás, em busca da recuperação das primeiras experiências de satisfação, embora pudesse ilusoriamente prometer uma completude, não é acessível, e a única alternativa é avançar em direção onde a possibilidade de mudança e abertura ainda se acha livre, mesmo se defrontando com contradições e impasses.

³ Assim como nessa passagem, a tradução vem sendo modificada pela consulta ao texto em alemão.

Finalmente se dá no último capítulo do livro a reafirmação dessa nova hipótese dualística – pulsões de vida e pulsões de morte – dualidade acompanhada, tanto das relações com o princípio do prazer, quanto com o princípio de ligação, que ele considera “uma das mais precoces e importantes funções do aparelho anímico, ‘ligar’ (*binden*) as moções pulsionais que chegam, substituí-las (*ersetzen*) em seu processo primário dominante, pelo processo secundário, transformando sua energia de investimento livremente móvel numa de investimento predominantemente quiescente (tônica). (...) Essa transposição acontece a serviço do princípio do prazer; a ligação (*Bindung*) é um ato preparatório, que introduz e assegura a dominância do princípio do prazer.”(1920, p.83)

Acentua ainda que as pulsões de vida entram como perturbadoras da paz, buscando por caminhos tortuosos a resolução das tensões, ao passo que as pulsões de morte parecem silenciosamente realizar seu trabalho, que às vezes trazem o tom de ineficiência e acomodação. O princípio do prazer, como uma tendência à constância fica, então, a serviço das pulsões de morte.

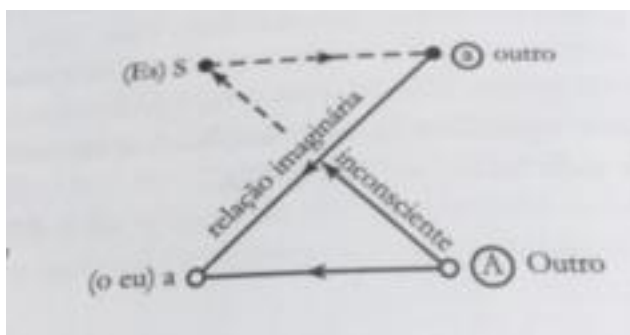
Voltando ao princípio de ligação, Lacan, numa pesquisa minuciosa e atenta a essa obra de Freud, propõe uma escrita inaugural de seus matemas, no destaque a um único parágrafo, referente ao tratamento da repetição na transferência.

Uma “neurose de transferência”, é assim que Freud se refere quando alguma parte da vida infantil é atuada na relação com o analista, e exige dele uma resposta, um manejo, que deve ser cuidadosamente calculado. É uma fase que não pode ser poupada ao analisante, pois a repetição é da estrutura, na medida em que o tratamento avançou a ponto de produzir certo afrouxamento dos recalques. E, se algo está sendo repetido, é porque não é possível ser lembrado. Freud recomenda que diante dessa cena, na qual o paciente é levado a reviver uma certa cena de sua vida esquecida, o analista “deve cuidar, para isso, que retenha certo grau de distanciamento (*Überlegenheit*), para que a aparente realidade, apesar de tudo, seja sempre reconhecida de novo como espelhamento (*Spiegelung*) de um passado esquecido.”(1920, p.32)

Lacan (2010, p. 436), ao comentar esse parágrafo, chama a atenção para esses dois termos: distanciamento ou superioridade – *Überlegenheit* – e espelhamento – *Spiegelung* – para apontar a função do imaginário nessa repetição das cenas na transferência. *Spiegelung* claramente fala de espelho, reflexo, o que traz o imaginário. E o outro termo é que é mais interessante, por sua polissemia: o prefixo *Über* = sobre, acima, sugere superioridade, distanciamento, alheamento, e ainda reflexão. Além disso, na literalidade, o verbo *legen* indica posição, colocar algo em posição horizontal. Daí Lacan (2010, p.330) escreve o Esquema L, do Logos, que, exatamente consta de duas linhas horizontais paralelas (ou vetores), devidamente afastadas, e dois vetores inclinados, sendo um interrompido pelo outro:

“S é a letra S, mas é também o sujeito. (...) Não em sua totalidade, porém em sua abertura. Como de costume ele não sabe o que diz. Se soubesse o que diz, não estaria aí, estaria embaixo, à direita (em A). (...) Não é aí que ele se vê. Ele se vê em a, e é por isso que ele tem um eu. (...) O que a análise nos ensina, é que o eu é absolutamente

fundamental para a constituição dos objetos. É sob a forma do outro specular que ele vê seu semelhante. Essa forma do outro tem a mais estrita relação com seu *eu*, pode lhe ser superposta e escrevemos *a'*.” (2010, p.330)



Esclarecendo mais adiante, no mesmo Seminário, Lacan prossegue:

“Para todos os sujeitos humanos, a relação entre *A* e *S* passará sempre por intermédio desses substratos imaginários, que são o *eu* (*m = moi* em francês) e o outro, e que constituem os alicerces imaginários do objeto – *A*, *m*, *a*, *S*. (...). Notem que o que se passa entre *A* e *S* tem um caráter conflitual. No melhor dos casos o circuito se contraria, estaca, corta-se a si mesmo. (...) Dizer que há neurose, dizer que há um recalco, que nunca existe sem retorno, é o mesmo que dizer que algo do discurso que vai do *A* ao *S* passa, e ao mesmo tempo não passa.” (2010, p. 434-435)

Nosso intuito de introduzir aqui essa escrita magistral de Lacan vem para acrescentar algo ao também magistral texto de Freud. É um texto que nem sempre interessa a muitos analistas pela vertente das funções e exigências da linguagem, expressa no princípio de ligação. O que geralmente é mais acentuado como original é a hipótese da pulsão de morte, que poderia explicar muitas coisas da estrutura do sujeito, transparecendo na clínica, como reação terapêutica negativa, o masoquismo, como se realmente importasse alguma coisa *além* do princípio do prazer.

Não é bem isso. O princípio do prazer mantém sua dominância. Inclusive, é por meio de sua hipótese, seu esforço de cumprir a tendência à constância, e principalmente graças às suas contradições que resta o gozo, esse outro lado da vivência do sujeito.

Notas bibliográficas

FREUD, Sigmund. O ‘Estranho’ (1919) In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, Vol 17. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.273-320.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer (1920) In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, Vol.18. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.13-85.

FREUD, Sigmund. Tipos psicopáticos no palco (1942 [1905 ou 1906]). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, Vol VII. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p.317-327.

JONES, Ernest. *Vida y obra de Sigmund Freud*. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Paidós. Ediciones Hormé S.A.E., 1981.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (1954-1955). 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Belo Horizonte, setembro de 2020.